

## UM TIPO ESPECIAL DE ESCOLHA DE OBJETO FEITA PELOS HOMENS (CONTRIBUIÇÕES À PSICOLOGIA DO AMOR 1)

---

ATÉ AQUI deixamos ao escritor de ficção descrever-nos as condições necessárias ao amor' que determinam a escolha de um objeto feita pelas pessoas e a maneira pela qual elas conduzem as exigências de sua imaginação em harmonia com a realidade. O escritor pode, realmente, valer-se de certas qualidades que o habilitam a realizar essa tarefa: sobretudo, de sensibilidade que lhe permite perceber os impulsos ocultos nas mentes de outras pessoas e de coragem para deixar que a sua própria, inconsciente, se manifeste. Há, entretanto, uma circunstância que diminui o valor comprobatório do que ele tem a dizer. Os escritos estão submetidos à necessidade de criar prazer intelectual e estético, bem como certos efeitos emocionais. Por essa razão, eles não podem reproduzir a essência da realidade tal como é, se não que devem isolar partes da mesma, suprimir associações perturbadoras, reduzir o todo e completar o que falta. Esses são os privilégios do que se convencionou chamar 'licença poética'. Além disso, eles podem demonstrar apenas ligeiro interesse pela origem e pelo desenvolvimento dos estados psíquicos que descrevem em sua forma completa. Torna-se, pois, inevitável que a ciência deva, também, se preocupar com as mesmas matérias, cujo tratamento, pelos artistas, há milhares de anos, vem deleitando tanto a humanidade, muito embora seu trato seja mais tosco e proporcione menos prazer. Essas observações, esperamos, servirão para nos justificar, de modo amplo, o tratamento estritamente científico que damos ao campo do amor humano. A ciência, é, afinal, a renúncia mais completa ao princípio de prazer de que é capaz nossa atividade mental.

No curso do tratamento psicanalítico, há amplas oportunidades para colher impressões sobre a maneira como os neuróticos se comportam em relação ao amor; conquanto possamos evocar, ao mesmo tempo, tendo observado ou ouvido falar de comportamento semelhante em pessoas de saúde normal ou mesmo naquelas de qualidades excepcionais. Quando acontece que o material é favorável e conduz, assim, à acumulação dessas impressões, surgem mais claramente tipos definidos. Começarei aqui pela descrição de um desses tipos de escolha de objeto — que ocorre no homem — já que se caracteriza por uma série de 'condições necessárias ao amor', cuja combinação é ininteligível, e até desconcertante, e visto que admite uma explicação simples de contexto psicanalítico.

(1) A primeira dessas precondições para o amor pode ser descrita

como positivamente específica: onde quer que ela se manifeste, pode-se procurar a presença de outras características desse tipo. Pode-se designá-la a precondição de que deva existir 'uma terceira pessoa prejudicada'; estipula que a pessoa em questão nunca escolherá uma mulher sem compromisso, como seu objeto amoroso — isto é uma moça solteira ou uma mulher casada livre — mas, apenas, aquela sobre a qual outro homem possa reivindicar direitos de posse, como marido, noivo ou amigo. Em alguns casos, essa precondição evidencia-se de modo tão convincente que a mulher pode ser ignorada ou mesmo rejeitada, desde que não pertença a qualquer homem, mas torna-se objeto de sentimentos apaixonados, tão logo estabeleça um desses relacionamentos com outro homem.

(2) A segunda precondição é talvez menos freqüente, mas não menos digna de nota. Deve-se encontrar em conjunção com a primeira para que o tipo se configure, enquanto a primeira precondição parece ocorrer muito amiúde, também, independentemente. Consiste a segunda precondição no sentido de que a mulher casta e de reputação irrepreensível nunca exerce atração que a possa levar à condição de objeto amoroso, mas apenas a mulher que é, de uma ou outra forma, sexualmente de má reputação, cuja fidelidade e integridade estão expostas a alguma dúvida. Esta última característica pode variar dentro de limites substanciais, do leve murmúrio de escândalo a respeito de uma mulher casada que não seja avessa a namoricos, até o modo de vida francamente promíscuo de uma cocotte ou uma profissional na arte do amor; mas os homens que pertencem ao tipo que descrevemos não ficarão satisfeitos sem algo desta espécie. Pode-se designar esta a segunda condição necessária, de maneira um tanto crua, 'amor à prostituta.'

Enquanto a primeira precondição fornece a oportunidade para gratificar impulsos de rivalidade e hostilidade em direção ao homem de quem a mulher é arrebatada, a segunda, a da mulher se assemelhar a uma prostituta, se relaciona à experiência do ciúme, que parece ser uma necessidade para os amantes desse tipo. Sua paixão só atinge o apogeu e a mulher só adquire pleno valor quando, apenas, conseguem sentir ciúmes e eles nunca deixam de aproveitar a ocasião que lhes permita experimentar essas emoções tão poderosas. O incomum é que se torna alvo desse ciúme não o possuidor legítimo da pessoa amada, mas estranhos que fazem seu aparecimento pela primeira vez, em relação aos quais a amada pode ser induzida sob suspeita. Em casos evidentes, o amante não demonstra qualquer desejo de posse exclusiva da mulher e parece sentir-se perfeitamente à vontade na situação triangular. Um de meus pacientes, que sofrera terrivelmente com as escapadelas de sua amada, não fazia qualquer objeção a que

ela se casasse e fez todo o possível para que tal acontecesse; e nos anos que se seguiram nunca demonstrou o menor sinal de ciúme do marido. Outro paciente típico havia tido, é verdade, muito ciúme do marido no seu primeiro caso amoroso e proibira a mulher de ter relações maritais; porém, nos seus numerosos casos subseqüentes comportou-se como os demais integrantes desse tipo e já não mais considerava o marido legítimo como um entrave.

É o suficiente para as condições que se exigem do objeto amoroso. Os seguintes pontos descrevem o comportamento do amante em relação ao objeto que escolheu.

(3) No amor normal, o valor da mulher é aferido por sua integridade sexual, e é reduzido em vista de qualquer aproximação com a característica de ser semelhante a prostituta. Por conseguinte, o fato de que as mulheres com essa característica sejam consideradas pelos homens do tipo em questão como objetos amorosos do mais alto valor parece constituir acentuável desvio do normal. Seus relacionamentos amorosos com essas mulheres exigem-lhes enorme dispêndio de energia mental, com exclusão de todos os demais interesses; elas são sentidas como as únicas pessoas a quem é possível amar, e a exigência de fidelidade que o amante faz a si próprio repete-se, sempre e sempre, não obstante quantas vezes, na realidade, seja transgredida. Essas características de relacionamentos amorosos, que ora descrevo, revelam, muito claramente, sua natureza compulsiva, conquanto seja algo que, até certo ponto, ocorra a qualquer pessoa que se apaixone. Mas a fidelidade e a intensidade que caracterizam a relação não nos devem levar a esperar que um único relacionamento amoroso dessa espécie possa constituir toda a vida erótica da pessoa em questão, ou ocorrer, apenas, uma vez na vida. Ao contrário, os relacionamentos apaixonados desse tipo repetem-se com as mesmas peculiaridades — cada qual uma réplica exata dos outros — sempre e sempre, nas vidas do homem desse tipo; de fato, devido a ocorrências externas, como mudança de residência e de ambiente, os objetos amorosos podem substituir uns aos outros, tão amiúde, que se forma uma extensa série dos mesmos.

(4) O que é mais espantoso, para o observador de amantes desse tipo, é a ânsia que demonstram de `salvar' a mulher amada. O homem se convence de que ela precisa dele, que sem ele perderá todo o controle moral e, rapidamente descera para um nível lamentável. Salva-a, portanto, por não a abandonar. Em certos casos individuais, a idéia de ter de salvá-la pode ser justificadas por alusão à sua inconstância sexual e aos perigos de sua posição social: mas não é menos evidente quando isto, na realidade, não possui base. Um homem do tipo que

estou descrevendo, que sabia como conquistar suas mulheres, com métodos inteligentes de sedução e argumentos engenhosos, não media esforços, no decorrer dessas aventuras, para manter a mulher, pela qual estava apaixonado no momento, no caminho da `virtude', emprestando-lhe traços de sua própria constituição.

Se examinarmos as diferentes características do quadro aqui apresentado — as condições que se impõem ao homem, de que sua amada não deve ser desimpedida e deve ser semelhante a prostituta, o alto valor que lhe atribui, sua necessidade de sentir ciúmes, sua fidelidade que, não obstante, é compatível em ser transgredida, em uma longa série de circunstâncias, e a ânsia de salvar a mulher — parecerá pouco provável que todas decorram de uma única fonte. No entanto, a investigação psicanalítica da biografia de homens deste tipo tem revelado, facilmente, que não há uma fonte única. A escolha de objeto, que é tão estranhamente condicionada, e esta maneira extremamente singular de se comportar no amor, tem a mesma origem psíquica que encontramos nos amores das pessoas normais. Derivam da fixação infantil de seus sentimentos de ternura pela mãe e representam uma das conseqüências dessa fixação. No amor normal, apenas sobrevivem algumas características que revelam, de maneira inconfundível, o protótipo materno da escolha de objeto, como, por exemplo, a preferência demonstrada pelos homens jovens por mulheres mais maduras; o destacamento da libido da mãe efetuou-se de maneira relativamente rápida. No tipo que descrevemos, por outro lado, a libido permaneceu ligada à mãe por tanto tempo, mesmo depois do início da puberdade, que as características maternas permanecem impressas nos objetos amorosos que são escolhidos mais tarde, e todas elas se transformam em substitutos facilmente reconhecíveis da mãe. A comparação com a maneira em que é **formado** o crânio de um recém-nascido vem logo à mente neste ponto: depois de um parto prolongado ele toma sempre a forma do molde da parte estreita da pelve materna.

Vamos agora demonstrar a plausibilidade de nossa afirmação de que os traços característicos do tipo que descrevemos — suas condições para amar e seu comportamento no amor — realmente decorrem da constelação psíquica relacionada à mãe. Isto pareceria ser mais fácil no que diz respeito à primeira precondição — a condição de que a mulher deve ser desimpedida, ou de que haja uma terceira pessoa injuriada. É, de imediato, evidente que, para a criança que está crescendo no círculo familiar, o fato de que a mãe, ao pertencer ao pai, torna-se parte inseparável da essência da mãe, e que a terceira pessoa injuriada não é outra senão o próprio pai. Pode-se observar a característica de supervalorizar a pessoa amada, e de considerá-la

como única e insubstituível, por recair, também, naturalmente no contexto da experiência da criança, pois ninguém possui mais de uma mãe, e a relação com ela baseia-se em um acontecimento que não pode ser exposto a qualquer dúvida e nem pode ser repetido. Se quisermos entender os objetos amorosos escolhidos pelo tipo que descrevemos como sendo, sobretudo, substitutos da mãe, então a formação de uma série deles, que parece contradizer tão positivamente a condição de ser fiel a um, pode também, agora, ser compreendida. Aprendemos pela psicanálise, em outros exemplos, que a noção de algo insubstituível, quando é ativa no inconsciente, muitas vezes surge como subdividida em uma série infindável: infindável pelo fato de que cada substituto, não obstante, deixa de proporcionar a satisfação desejada. É esta a explicação do desejo insaciável de fazer perguntas, demonstrado pelas crianças de certa idade: têm apenas uma simples pergunta a fazer, mas nunca chegam a formulá-la. Explica também a garrulice de certas pessoas atingidas pela neurose; vêem-se sob a pressão de um segredo que estão ansiosos por divulgar, mas que, apesar de todas as tentações, nunca revelam.

Por outro lado, a segunda pré-condição para amar — a condição de que o objeto escolhido deva se assemelhar a uma prostituta — parece se opor, energicamente, à derivação do complexo materno. O pensamento consciente do adulto apraz-se em considerar a mãe como uma pessoa de pureza moral inatacável; e poucas idéias são para ele tão ofensivas, quando partem de outros, ou sente como tão atormentadoras, quando surgem de sua própria mente, como a que proclama esse aspecto de sua mãe. No entanto, exatamente essa relação do contraste agudo entre a `mãe' e a `prostituta' nos animará a investigar a história do desenvolvimento desses dois complexos e da relação inconsciente entre os mesmos, já que, há muito tempo, descobrimos que o que, no consciente, se encontra dividido entre dois opostos, muitas vezes ocorre no inconsciente como uma unidade. A investigação leva-nos, então, de volta a uma época na vida do menino em que ele adquire conhecimento mais ou menos completo das relações sexuais entre os adultos, aproximadamente em torno dos anos da pré-puberdade. Partes brutais de informação que são indiscriminadamente destinadas a suscitar desprezo e rebeldia, agora, lhe comunicam o segredo da vida sexual e destroem a autoridade dos adultos, que parece incompatível com a revelação de suas atividades sexuais. O aspecto dessas descobertas, que afetam mais profundamente a criança recém-instruída, é a maneira em que são aplicadas a seus próprios pais. Essa aplicação é, muitas vezes, francamente rejeitada por ela, mais ou menos nestas palavras: `Seus pais e outras pessoas podem fazer coisas como esta entre si, mas

meus pais, possivelmente, não podem fazê-las.'

Como um corolário praticamente invariável desse esclarecimento sexual, o menino adquire, ao mesmo tempo, o conhecimento da existência de certas mulheres que praticam relações sexuais como um meio de vida e, que, por esse motivo, são mantidas no desprezo geral. O menino, ele próprio, se encontra, evidentemente, longe de sentir esse desprezo: tão logo aprende que ele também pode ser iniciado por essas infelizes na vida sexual, que até então ele aceitava como estando exclusivamente reservadas para 'a gente grande', ele, apenas, as considera como um misto de desejo e horror. Quando, depois disto, já não pode mais nutrir qualquer dúvida que tornem seus pais uma exceção às normas universais e odiosas da atividade sexual, diz-se a si próprio, com lógica cínica, que a diferença entre sua mãe e uma prostituta não é afinal tão grande, visto que, em essência, fazem a mesma coisa. A informação esclarecedora que recebeu, despertou, de fato, traços de lembrança das impressões e desejos de sua tenra infância que, por sua vez, levaram à reativação de certos impulsos psíquicos. Ele começa a desejar a mãe para si mesmo, no sentido com o qual, há pouco, acabou de se inteirar, e a odiar, de nova forma, o pai como um rival que impede esse desejo; passa, como dizemos, ao controle do complexo de Édipo. Não perdoa a mãe por ter concedido o privilégio da relação sexual, não a ele, mas a seu pai, e considera o fato como um ato de infidelidade. Se esses impulsos não desaparecem rapidamente, não há outra saída para os mesmos, senão seguir seu curso através de fantasias que têm por tema as atividades sexuais da mãe, nas mais diversas circunstâncias; e a tensão conseqüente leva, de maneira particularmente rápida; a buscar alívio na masturbação. Como resultado da ação combinada, constante, de duas forças impulsivas, desejo e sede de vingança, as fantasias acerca da infidelidade da mãe são, de longe, as que prefere; o amante com o qual ela comete o ato de infidelidade, quase sempre exibe as feições do próprio ego do menino, ou, mais exatamente, de sua própria personalidade idealizada, adulta e, assim, elevada ao nível do pai. O que, em outra parte descrevi como o 'romance familiar' compreende as várias ramificações dessa atividade imaginativa e a maneira pela qual elas se entrelaçam com os diversos interesses egoístas desse período da vida.

Agora que adquirimos a compreensão dessa parte do desenvolvimento psíquico, já não podemos mais considerar contraditório e incompreensível que a precondição de que a pessoa amada se assemelhe a prostituta derive diretamente do complexo materno. O tipo de amor masculino que descrevemos tem os traços dessa evolução e é fácil de compreender como uma fixação das fantasias formadas pelo

menino na puberdade — fantasias que, afinal, mais tarde, encontraram vazão na vida real. Não é difícil admitir que a prática assídua da masturbação durante os anos da puberdade desempenhou seu papel na fixação das fantasias.

A ânsia de salvar a pessoa amada parece conduzir a uma relação, apenas, vaga e superficial, e plenamente explicada por motivos conscientes, com essas fantasias que acabaram por dominar o amor do homem na vida real. Devido a sua propensão a ser volúvel e infiel, a pessoa amada se coloca em situações perigosas e, assim, é compreensível que o amante tenha de se esforçar para protegê-la contra esses perigos, vigiando-lhe a virtude e combatendo-lhe as tendências más. Entretanto, o estudo das lembranças encobridoras das pessoas, fantasias e sonhos noturnos, revela que deparamos, aqui, com uma `racionalização' especialmente oportuna de um motivo inconsciente, um processo que pode ser comparado à elaboração secundária bem-sucedida de um sonho. No fato real, o `tema-salvamento' tem um significado e um histórico próprios, e é um derivativo independente do complexo materno ou, mais exatamente, do complexo parental. Quando a criança ouve dizer que deve sua vida aos pais, ou que sua mãe lhe deu a vida, seus sentimentos de ternura aliam-se a impulsos que lutam pelo poder e pela independência, e geram o desejo de retribuir essa dívida aos pais e de compensá-los com outra de igual valor. É como se o desafio do menino o fizesse dizer: `Não quero nada de meu pai; devolver-lhe-ei tudo quanto gastou comigo. Ele cria, então a fantasia de salvar o pai de perigo e de proteger-lhe a vida; desse modo ajusta as contas com ele. Essa fantasia, via de regra, é muito deslocada em direção a um imperador, rei ou outro grande homem; depois de haver sido assim destorcida torna-se admissível à consciência, e pode até ser utilizada pelos escritores de ficção. Nessa aplicação ao pai do menino, o sentido desafiador da idéia de salvamento é de longe o mais importante; no que diz respeito à mãe, o mais importante é, geralmente, o sentido da ternura. A mãe deu à criança a vida, e não é fácil encontrar um substituto de igual valor para essa dívida sem par. Com uma ligeira modificação do significado, tal como é facilmente realizado no inconsciente, e é comparável à maneira pela qual os conceitos da consciência se diluem uns nos outros, salvar a mãe adquire o significado de lhe dar uma criança ou de lhe fazer uma criança — é supérfluo dizer, uma igual a ele. Isso não se afasta muito do sentido original o salvamento, e a mudança de significado não é arbitrária. Sua mãe lhe deu a vida — sua própria vida — e, em troca, ele lhe dá uma outra vida, a de uma criança que tem com ele a maior semelhança. O filho demonstra sua gratidão desejando ter, com sua mãe, um filho

igual a ele próprio; em outras palavras, na fantasia de salvamento ele está se identificando completamente com o pai. Todos os seus instintos, os de ternura, gratidão, lascívia, desafio e independência encontram satisfação no desejo único de ser o próprio pai. Mesmo o elemento de perigo não se perdeu na modificação de significado; pois o próprio ato do nascimento é o perigo de que foi salvo pelos esforços da mãe. O nascimento é tanto o primeiro de todos os perigos de sua vida, como o protótipo de todos os subseqüentes que nos levam a sentir ansiedade, e a experiência do nascimento, provavelmente, nos legou a expressão de afeto que chamamos de ansiedade. Macduff, da lenda escocesa, que não nasceu de sua mãe mas lhe foi arrancado do ventre, por esse motivo não conhecia a ansiedade. Artemidoro, o intérprete dos sonhos da antiguidade, estava certamente com razão ao afirmar que a significação de um sonho depende de quem venha a ser a pessoa que sonha. De acordo com as leis que regem a expressão dos pensamentos inconscientes, o significado de salvamento pode variar, dependendo de o autor da fantasia ser homem ou mulher. Pode igualmente significar (no caso de um homem) fazer uma criança, isto é, causar seu nascimento, ou (no caso de uma mulher) dar à luz uma criança. Esses vários significados do salvamento nos sonhos e fantasias podem ser reconhecidos de maneira especialmente clara, quando são encontrados em conexão com a água. Um homem que salva uma mulher da água, em um sonho, quer dizer que a torna mãe, o que, do ponto de vista do comentário acima, equivale a fazer dela sua própria mãe. Uma mulher que salva alguma outra pessoa (uma criança) da água, reconhece ser a mãe que a gerou, como a filha do Faraó na lenda de Moisés (Rank, 1909). Às vezes, existe também um significado de ternura contido nas fantasias de salvamento em relação ao pai. Nestes casos, visam a expressar o desejo da pessoa de ter o pai como seu filho — isto é, de ter um filho igual ao pai.

É devido a todas essas conexões entre o tema-salvamento e o complexo parental que a ânsia de salvar a pessoa amada constitui uma característica importante do tipo de amor que vimos estudando. Não creio necessário justificar meu método de trabalho sobre este assunto; como na minha apresentação a respeito do erotismo anal [Freud 1908b], também aqui procurei, em primeiro lugar, destacar, do material observado, os tipos extremos e claramente definidos. Em ambos os casos, encontramos um número muito maior de indivíduos nos quais apenas algumas características do tipo podem ser identificadas, ou apenas características que não são nitidamente acentuadas, e é evidente que não será possível avaliar



adequadamente esses tipos enquanto todo o contexto a que pertencem não for investigado.

Nota 1, Pág. 173, Vol. 11

A palavra alemã `Dirne`, aqui e em várias outras passagens deste trabalho, não está bem traduzida por `prostituta`, que dá muita ênfase ao aspecto monetário da relação. Cortesã (em inglês `harlot`) traduziria melhor o sentido, se a palavra não houvesse adquirido, hoje em dia, um sabor antiquado e mesmo bíblico.

Nota 2, Pág. 174, Vol. 11

Nas edições anteriores a 1924, esta expressão contava como `deformado`.

Nota 3, Pág. 175, Vol. 11

Este argumento foi apresentado por Freud em seu ensaio sobre Leonardo da Vinci (1910c), ver em [1].

Nota 4, Pág. 176, Vol. 11

Este fato já fora sugerido na Interpretation of Dreams (A Interpretação de Sonhos) de Freud (1900a), ver em [1], e mencionado, explicitamente, no Capítulo VI de seu livro sobre os chistes (1905c). Vide também em [2].

Nota 5, Pág. 176, Vol. 11

Cf. o último parágrafo do trabalho de Freud sobre as teorias sexuais das crianças (1908c).

Nota 6, Pág. 177, Vol. 11

Este parece ser o primeiro emprego, publicado, do termo, por Freud. O conceito, naturalmente, há muito já lhe era familiar (cf. em [1]), e ele já havia falado do `complexo nuclear`, por exemplo, no trabalho mencionado na última nota de rodapé e em `Five Lectures` (Cinco Lições), 1910 a, ver em [1].

Nota 7, Pág. 177, Vol. 11

No [comentário incluído no] trabalho de Rank The Myth of the Birth of the Hero (O Mito do Nascimento do Herói) (1909) [Freud (1909c)].

Nota 8, Pág. 179, Vol. 11

Macbeth, V. 7. Esta é a primeira extensa alusão de Freud à relação entre nascimento e ansiedade. Já se referia à questão em uma nota de rodapé acrescentada, no ano anterior (1909), ao Capítulo VI (E) de The Interpretation of Dreams (A Interpretação de Sonhos)

(1900a), Standard Ed.,... 400-1, e a mencionara em uma comunicação à Sociedade Psicanalítica de Viena, em 17 de novembro de 1909 (Jones, 1955, 494). Tratou da mesma, novamente, com certo alento, no início da Conferência XXV de Introductory Lectures (Conferências Introdutórias) (1916-17). Mas seu comentário mais longo a respeito poderá, naturalmente, ser encontrado em *Inhibitions, Symptoms and Anxiety* (Inibições, Sintomas e Ansiedade) (1926d), principalmente nos Capítulos II, VII e XI, A (b), em que suas opiniões originais foram bastante revisadas. No início de seus estudos psicológicos, Freud relacionou os sintomas de ansiedade não com a experiência do nascimento, mas com os acompanhamentos da cópula. Cf. O penúltimo parágrafo da Seção III de seu primeiro trabalho sobre a neurose de angústia (1895b), e uma passagem perto do final do Esboço E, provavelmente ainda anterior, na correspondência de Fliess (Freud, (1950a).

Nota 9, Pág. 179, Vol. 11

Cf. uma passagem no Capítulo II de *The Interpretation of Dreams* (A Interpretação de Sonhos) (1900a), ver em [1], e uma nota de rodapé nele acrescentada em 1914.

Nota 10, Pág. 179, Vol. 11

Os sonhos de salvamento são mencionados em um parágrafo acrescentado em 1911 ao Capítulo VI (E) de *The Interpretation of Dreams* (A Interpretação de Sonhos), ver em [1]. O sonho de salvamento de uma mulher é analisado no trabalho de Freud sobre 'Dreams and Telepathy' (Sonhos e Telepatia) (1922a), ver a partir de [2].

Nota 11, Pág. 180, Vol. 11

Em um trabalho (1920a) escrito muitos anos depois deste, Freud demonstrou a ocorrência, exatamente, do mesmo tipo de escolha de objeto em uma menina homossexual, ver a partir de [1].